

**MEMORANDO SÍNTESE**  
**RESULTADOS**

**DO**

*Inquérito Violência de Género*

SociNova/CesNova  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa

**2008**

## ÍNDICE

### **1. Sumário com as principais conclusões**

### **2. Nota técnica e científica**

### **3. Nota metodológica**

### **4. Síntese descritiva dos principais resultados**

#### ***4.1 Vitimação das mulheres***

##### 4.1.1 Prevalência global

*Inquérito de 2007*

*Análise comparativa 2007 e 1995*

##### 4.1.2 Tipos de violência

*Inquérito de 2007*

*Análise comparativa 2007 e 1995*

##### 4.1.3 Autores por tipos de violência

##### 4.1.4 Autoria da violência acto a acto

##### 4.1.5 Contexto da vitimação

*Local de ocorrência*

*Razões apontadas pelas vítimas para a violência*

*Reacção das vítimas*

#### ***4.2 Vitimação dos homens e análise comparativa com as mulheres***

##### 4.2.1 Prevalências

##### 4.2.2 Autoria dos actos de violência

##### 4.2.3 Relação de parentesco entre autores e vítimas

##### 4.2.4 Local de ocorrência

##### 4.2.5 Reacção das vítimas

##### 4.2.6 Razões apontadas pelas vítimas para a violência

## 1. Sumário com as principais conclusões

- Em 2007, o conjunto da vitimação relativa à violência física, sexual e psicológica, exercida contra as mulheres com 18 ou mais anos, nos últimos 12 meses ou em anos anteriores, no Continente, tem uma prevalência de 38,1%; afectando assim, em média, cerca de uma em cada três mulheres. Comparando os mesmos tipos de violência com os detectados no inquérito de 1995, nota-se uma diminuição da prevalência da vitimação de 48% para 38,1%.
- Todavia, em 2007, e considerando só as que foram vítimas no último ano (12,8% de todas as inquiridas), metade delas são alvo de actos criminalizados sob a forma de *violência doméstica*, o que mostra que em relação aos actos praticados na intimidade da casa-família ainda há um longo caminho a percorrer.
- Levando mais longe a análise comparativa, e considerando os mesmos actos praticados em 1995 e 2007, nos últimos 12 meses, e que ocorrem no espaço da casa ou são perpetrados por familiares (incluindo namorados e companheiros, actuais ou passados), nota-se uma diminuição da prevalência das vítimas (13,1% para 6,1%). Todavia, apesar da melhoria global na prevalência, este tipo de violência, que ocorre em espaços de maior intimidade, continua a afectar nos dois inquéritos mais de 50% do total das vítimas do mesmo período de tempo.
- Face aos resultados anteriores, pode concluir-se que, apesar da melhoria global da prevalência da violência exercida contra as mulheres, permanecem problemas estruturais que requerem medidas específicas no sentido da sua resolução.
- Tal como em 1995, em 2007, a violência exercida contra as mulheres assume múltiplas expressões, com pesos estatísticos diferentes em relação ao total de vítimas - física (22,6%), sexual (19,1%), psicológica (53,9%) e de discriminação social (52,9%).
- Dentro de cada tipo de violência, e pela sua importância estatística, destacam-se alguns dos seguintes actos: *violência física* - “bofetadas/murros/pontapés/arranhões/beliscões/mordidelas”, “dar sovas”, “atirar com objectos com o objectivo de magoar”, “empurrões pela escada abaixo e contra objectos” e “socos no peito”; *violência sexual* - “obscenidades com o objectivo de assediar”, “tentativa de contacto físico com conotação sexual” “mensagens escritas/telefónicas com o objectivo de assediar”, “exibição de órgãos sexuais, de modo a sentir-se ofendida/ultrajada no seu pudor” e “tentativa de acto sexual forçado, ameaçando magoá-la a si ou a alguém próximo”; *violência psicológica* - “gritos e ameaças para atemorizar”,

“comportamentos e insultos com o objectivo de humilhar”, “controlar a vida social com o objectivo de isolar”, “ameaças do tipo mato-te”, “comentários negativos para humilhar e afectar a auto-estima”, “partir objectos para atemorizar” e “ameaças com armas de fogo ou brancas”; *discriminação sociocultural* - “imagens ou frases associadas à condição de ser mulher na televisão, jornais, rádio e/ou publicidade”, “valores difundidos na Escola que podem limitar o acesso das mulheres a certas profissões e actividades” e “quando procurou emprego, perguntarem-lhe sobre o estado civil, nº de filhos, eventual gravidez e vontade de ter filhos”.

- De entre todos os actos referidos anteriormente, será importante destacar os que se referem a situações de risco para a vítima, nomeadamente de perigo de vida, sendo essenciais acções de prevenção e protecção neste domínio.
- Comparando com 1995, em 2007, há uma diminuição da prevalência das vítimas de violência sexual e um ligeiro aumento na violência física e psicológica.
- No que concerne aos actos, nota-se que entre 1995 e 2007 ganha maior relevo a percepção de que há imagens e frases veiculadas pelos órgãos de comunicação social/publicidade e pela Escola que podem afectar a imagem da mulher e reforçar os valores da desigualdade de género. Tal pode ser um indicador de maior percepção da importância daquela dimensão e, portanto, um espaço favorável à intervenção no domínio da prevenção sobre a igualdade de género.
- Nota-se igualmente um reforço da conflitualidade com referências à palavra “mato-te”. Tendo em consideração que os autores destas ameaças são sobretudo homens, cuja relação de parentesco com a vítima é de marido/companheiro/namorado (ou ex), será de admitir a hipótese que, numa fase de transição, o reforço das ameaças de morte possa estar associado à resistência dos actores sociais que, em última análise, percebem a mudança que se tem operado nas últimas décadas ao nível da igualdade de género, e que tem vindo a introduzir alterações nas relações de poder. Este contexto deve, igualmente, ser analisado como podendo configurar uma situação de risco para as mulheres.
- O local onde as mulheres têm maior probabilidade de serem vítimas é a casa, quer em relação a actos de menor gravidade para a sua segurança física, quer em relação aos que a podem pôr em risco. Só os actos de violência sexual são menos referidos em casa. Convém notar que a violação dentro das relações de conjugalidade, é ainda um fenómeno oculto e pouco assumido mesmo pelas próprias vítimas.
- A reacção mais frequente das mulheres vítimas continua a ser o “ir calando e não fazer nada”. Apesar da melhoria significativa verificada nas participações à Polícia em relação a 1995, particularmente em relação aos actos de maior

gravidade, ainda são raros aqueles em que a percentagem das denúncias se situa acima dos 10%.

- Ao nível da reacção das vítimas, as redes sociais de apoio desempenham um papel fundamental na quebra do isolamento individual.
- Entre as causas mais apontadas pelas vítimas para o facto de terem sido alvo de violência, encontram-se o ciúme, o sentimento de posse do agressor e os valores relativamente às mulheres. O álcool também é referido como segunda causa. Estes resultados são mais um indicador da necessidade de intervir preventivamente ao nível da mudança de mentalidades e comportamentos sobre a igualdade de género, tanto em jovens como adultos, homens e mulheres.
- Os resultados do inquérito à vitimação dos homens com 18 ou mais anos (primeiro deste tipo realizado em Portugal), revelam que estes também dizem ter sido vítimas de violência (49,7%), correspondente a todos os tipos (física, sexual, psicológica e discriminação social). No entanto, se compararmos os actos relativos à *violência doméstica* no último ano, que afectam homens e mulheres, verifica-se que a probabilidade disso acontecer com os homens é cerca de três vezes menor do que nas mulheres.
- Todavia, o traço mais significativo que diferencia a vitimação dos homens e das mulheres é que se trata de violências de natureza diferente: nas mulheres, ocorre sobretudo a violência com uma configuração de desigualdade de género; nos homens, tal não se passa, e trata-se de uma vitimação igual à que se verifica na população em geral; e quando está associada a papéis de género, é no sentido de o masculino ser reforçado. De facto, os resultados mostram claramente que, à semelhança do que ocorre em outros países, em Portugal, enquanto que as mulheres são vítimas sobretudo de autores homens (em mais de 75% dos casos), os autores da violência exercida contra os homens são também homens, em percentagens equivalentes às das mulheres – mesmo na violência psicológica, que o senso comum e algumas ideologias normalmente atribuem às mulheres, são os homens os principais autores (70,9% nas mulheres vítimas e 71,2% nos homens).
- No que concerne às relações de parentesco entre autores e vítimas, as diferenças também são significativas: nas mulheres predominam os cônjuges/companheiros/namorados (ou ex), nos homens são desconhecidos e colegas, e quando há referências a familiares são maioritariamente os pais.
- Igualmente, enquanto que nas mulheres o local mais provável para ocorrer a violência é a casa, nos homens são os espaços públicos ou o local de trabalho.
- Também, o tipo de reacção das vítimas aos actos de violência é diferente nos homens e nas mulheres: nos primeiros, prevalece a “reacção violenta” e a “participação às forças policiais”, nas segundas, “o ir calando e não fazer nada”.

## 2. Nota técnica e científica

Estudo realizado por uma equipa de investigação do SociNova/CesNova, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

*Coordenação:* Manuel Lisboa

*Equipa de consultores e de apoio científico:*

- Nelson Lourenço (apoio científico e consultoria)
- Cláudia Garcia Moreno
- António Nóvoa
- Luísa Branco Vicente
- Miguel Vale de Almeida
- Isabel do Carmo
- Pedro Pita Barros
- Rita Garnel
- Conceição Brito Lopes
- Fátima Miguens
- Paula Monteiro

*Investigação operacional:*

- Zélia Barroso
- Alexandra Leandro
- Joana Patrício
- Ricardo Santana

## 3. Nota metodológica

Os inquéritos foram realizados em todos os distritos do Continente, a duas amostras estatisticamente significativas para uma margem de erro inferior a 5% e um nível de confiança de 95%, de mulheres e homens com 18 e mais anos.

Amostras estratificadas por escalão etário, distrito e dimensão das localidades.

O trabalho de campo decorreu no ano de 2007 e foi assegurado por dois grupos de inquiridores (mulheres e homens, conforme a amostra a inquirir), especificamente formados para aplicar os questionários através de PDAs.

Cada questionário contempla um conjunto de 62 actos, relativos à violência física, psicológica, sexual, e discriminação social, bem como para outros actos percebidos pelas vítimas como sendo violentos.

As perguntas incluídas nos questionários tinham os seguintes objectivos: fazer a comparação com o inquérito de 1995, no que se refere à violência contra as mulheres, tendo uma particular atenção à evolução da moldura penal desde 1991 até 2007, nomeadamente no que se refere à violência doméstica; fazer a comparação entre a vitimação das mulheres e dos homens (a primeira vez em Portugal, numa escala nacional); produzir dados que possam ser objecto de comparações internacionais; e fazer a análise da violência a partir de uma perspectiva de género.

## 4. Síntese descritiva dos principais resultados

### 4.1 Vitimação das mulheres

#### 4.1.1 Prevalência global

##### *Inquérito de 2007*

Considerando os tipos de actos utilizados em estudos internacionais como fazendo parte da violência exercida contra as mulheres, nomeadamente os que se referem à violência física, psicológica e sexual, a prevalência global verificada em 2007 no estudo português, para o Continente, é de 38,1% do total das mulheres inquiridas. O que significa que, em média, cerca de uma em três mulheres, com 18 ou mais anos, diz ter sido vítima, no último ano ou em anos anteriores, de pelo menos 1 dos 54 actos que fazem parte daqueles tipos de violência<sup>1</sup>.

Se tivermos em consideração todos os actos, incluindo os que se referem à discriminação sociocultural, a prevalência é maior e situa-se em 56,6%. O que significa que, em média, cerca de uma em duas mulheres, com 18 ou mais anos, diz ter sido

---

<sup>1</sup> Foi ainda feita uma pergunta suplementar sobre se haveria outro acto de que tivessem sido vítimas e que quisessem referir.

vítima, no último ano ou em anos anteriores, de pelo menos 1 dos 62 actos que constam do questionário<sup>2</sup>.

Quanto ao tempo de ocorrência dos actos, verifica-se que 12,8% das inquiridas dizem ter sido vítimas no último ano e 39% em anos anteriores.

No que se refere aos actos que ocorreram no último ano no espaço da casa, ou que foram praticados por familiares [incluído namorados (as), companheiros (os), cônjuges, actuais ou passados], a prevalência das vítimas é de 6,5%, o que representa cerca de metade de todas as vítimas no mesmo período.

Entre estes actos, e para os que ocorreram durante o último ano, alguns são já criminalizados sob a forma de *violência doméstica*, pelo que utilizando os critérios das várias leis até 2007, inclusive, que considera as dimensões física, psicológica e sexual, o valor da vitimação é muito semelhante ao apurado anteriormente, com 6,4% de vítimas entre todas as inquiridas. Este resultado é bem revelador da importância que os actos de violência doméstica ainda têm na vitimação das mulheres com 18 ou mais anos, e da relevância da legislação lhes dedicar uma atenção particular.

### *Análise comparativa 2007 e 1995*

Globalmente, e considerando só os actos relativos aos estudos internacionais (violências física, psicológica e sexual), nota-se uma diminuição da prevalência das vítimas entre os inquiridos de 1995 e 2007: 48% em 1995 e 38,15% em 2007. Tal diminuição é bem menos expressiva quando se consideram todos os actos, incluindo os de discriminação social e cultural (52,2% para 51,4%). Tal pode ser um indicador da necessidade de um trabalho acrescido que é necessário fazer em relação à discriminação sociocultural, e que suporta a desigualdade de género.

É interessante verificar que os actos mais referidos foram “sentir-se chocada ou prejudicada com imagens ou frases associadas a mulheres na televisão, jornais, rádio e/ou publicidade” e a percepção de que “os valores difundidos na Escola limitam, de alguma forma, o acesso das mulheres a certas profissões, desporto, actividades culturais e cívicas”.

---

<sup>2</sup> Além das dimensões física, psicológica e sexual, os 62 actos incluem também as perguntas relativas à discriminação social e cultural. Foi ainda feita uma pergunta suplementar sobre se haveria outro acto de que tivessem sido vítimas e que quisessem referir.



Estes resultados apontam claramente no sentido da necessidade de implementar acções de prevenção, cujos efeitos se possam fazer sentir a médio e longo prazo.

De modo a não haver contagens repetidas, e para que a comparação com 1995 possa ser mais exacta, usam-se a seguir só os actos ocorridos simultaneamente nos dois inquéritos nos últimos 12 meses. Considerando os tipos de violência utilizados em estudos internacionais (dimensões física, psicológica e sexual), nota-se uma diminuição da prevalência das vítimas entre os dois inquéritos: 23,8% em 1995 e 9,3% em 2007<sup>3</sup>.

Ainda em relação aos últimos 12 meses, em 1995, as mulheres alvo do mesmo tipo de actos, mas praticados só em casa ou por familiares (incluindo namorados (as) e ex-cônjuges), são 13,1% do total das inquiridas; valor mais elevado do que o revelado pelos dados de 2007 (6,5%). Todavia, nos dois inquéritos, continua a verificar-se que cerca de metade das vítimas dos últimos 12 meses é alvo de actos que ocorrem em casa ou são praticados por familiares (55%), que é um indicador de que persistem problemas estruturais relacionados com a desigualdade de género e a regulação das relações interpessoais, nas esferas da intimidade.

#### 4.1.2 Tipos de violência

##### *Inquérito de 2007*

Começando pela tipologia internacional da violência contra as mulheres (física, sexual e psicológica) e quando se analisa a vitimação a partir dos tipos de violência, os actos relacionados com a psicológica têm os valores mais elevados (305 mulheres referem-se-lhe, o que representa 53,9% do total das vítimas).

De entre estes, por ordem de prevalência entre as vítimas, destacam-se os “gritos e ameaças para atemorizar”, “comportamentos e insultos com o objectivo de humilhar”, “controlar a vida social com o objectivo de isolar”, “ameaças do tipo mato-te”, “comentários negativos à aparência física para humilhar”, “comparações negativas, com outras pessoas com o objectivo de afectar a auto-estima”, “partir objectos para atemorizar” e “ameaças com armas de fogo ou brancas”. Seguem-se ainda outros actos, com uma expressão numérica menos significativa, como “pressionar para deixar o

---

<sup>3</sup> Se considerarmos também a discriminação sociocultural, para o último ano, a prevalência de mulheres vítimas em 1995 é de 28,1%, contra 10,2% em 2007.

emprego/carreira para que fique só em casa, contra a sua vontade”, “controlar os documentos sem consentimento”, “seguida/espiada/alvo de esperas”, “acordada a meio da noite para atemorizar”.

No que concerne à violência física, 22,6% do total das vítimas referem-se especificamente a este tipo de actos. Entre eles, e por ordem decrescente de prevalência, destacam-se as vítimas de “bofetadas/murros/pontapés/arranhões/beliscões/mordidelas”, “dar sovas”, “atirar com objectos com o objectivo de magoar”, “empurrões, nomeadamente pelo escada abaixo e contra objectos” e “socos no peito”. Ainda que com menor expressão numérica, há ainda os actos de “apertar o pescoço com o objectivo de magoar” e mesmo algumas referências a comportamentos que são interpretados pelas vítimas como podendo “levar ao suicídio”.

Os actos de violência sexual são referidos por 19,1% do total de vítimas. Também por ordem decrescente de prevalência, destacam-se as vítimas de “obscenidades com o objectivo de assediar”, “tentativa de contacto físico com conotação sexual”, “mensagens escritas/telefónicas com o objectivo de assediar”, “exibição de órgãos sexuais, de modo a sentir-se ofendida/ultrajada no seu pudor” e “tentativa de acto sexual forçado, ameaçando magoá-la a si ou a alguém próximo”.

Finalmente, os actos relativos à discriminação sociocultural têm uma expressão estatística relevante, sendo referidos entre 52,5% das vítimas, o que revela a necessidade de reforçar a intervenção ao nível da mudança da mentalidade, dos valores e condutas em relação à igualdade de género, nomeadamente através das acções de prevenção. De entre estes actos, destacam-se as situações das mulheres que se dizem ter-se sentido prejudicadas com “imagens ou frases associadas à condição de ser mulher na televisão, jornais, rádio e/ou publicidade”, “os valores difundidos na Escola que podem limitar o acesso das mulheres a certas profissões e actividades”, “perguntarem-lhe quando procurou emprego sobre o estado civil, nº de filhos, eventual gravidez e vontade de ter filhos” e, em menor grau, a “discriminação no acesso aos lugares públicos, pelo facto de ser mulher”.

### *Análise comparativa 2007 e 1995*

Considerando só os actos objecto do estudo de 1995 e que ocorreram nos últimos 12 meses, os traços mais significativos resultantes da comparação entre os dois inquéritos (1995 e 2007) consistem no seguinte: diminuição da percentagem das vítimas que referem os actos relativos à violência sexual (de 37,4% do total de vítimas para 27,5%); ligeiro aumento da percentagem das vítimas que referem actos de violência psicológica (62,3% para 65,7%); e ligeiro aumento, também, do peso das vítimas de violência física (6,8% para 8,8%).

No que concerne aos actos, e quanto aos que são mais citados pelas mulheres vítimas, não há alterações significativas quanto aos que são mais referidos. Notam-se, no entanto algumas diferenças na sua estrutura. Por exemplo, ganha maior relevo a percepção de que há imagens e frases veiculadas pelos órgãos de comunicação social/publicidade e pela Escola que podem afectar a imagem da mulher, e reforçar os valores da desigualdade de género. Certamente que este resultado pode ser um indicador da maior consciência por parte das mulheres da importância do problema da desigualdade de género que socialmente as afecta.

Nota-se igualmente um reforço de referências às ameaças e chantagens onde é utilizada a palavra “mato-te”. As fases de mudança social mais intensas, como a que se tem verificado nas últimas décadas no domínio da igualdade de género e no combate da violência contra as mulheres, são normalmente acompanhadas de uma conflitualidade acrescida dos actores sociais envolvidos; particularmente quando estão em causa relações de poder. Tendo em consideração que os autores destas ameaças são sobretudo homens cuja relação de parentesco com a vítima é de marido/companheiro (ou ex) namorado (ou ex), será por isso de admitir a hipótese que, numa fase de transição, o reforço das ameaças de morte possa estar associado a condutas de resistência dos actores sociais que, em última análise, percebem que o seu poder e influência na relação está em causa. Todavia, estas situações podem configurar contexto de risco em que é necessário agir rápido e, se possível, preventivamente.

#### 4.1.3 Autores por tipos de violência

Globalmente quando se consideram todos os actos, os autores da violência praticada contra as mulheres são maioritariamente homens (72,7%), contra 27,3% de mulheres. Tal verifica-se igualmente, quando se analisam os actos praticados nos últimos 12 meses (72,8%), como nos anos anteriores (74,1%).

Se nos centrarmos só nos tipos de violência utilizados habitualmente a nível internacional (física, psicológica e sexual), a predominância da autoria dos homens na violência contra as mulheres continua a ser marcante (74,7%).

O mesmo se passa, quando analisamos os vários tipos de violência: na discriminação sociocultural, também predominam os autores homens, com 69,6%; na violência psicológica, igualmente os homens são os principais autores, com 70,9%; na violência física, a autoria dos homens é ainda mais significativa, com 85,7% de mulheres vítimas; e na violência sexual, os actos perpetrados pelos homens representa 98,1%.

Estes valores são bem um indicador da natureza de género que pode estar associada à violência praticada contra as mulheres.

#### 4.1.4 Autoria da violência acto a acto

Quer nos actos praticados no último ano, quer nos anos anteriores, as agressões através de “gritos e ameaças com o objectivo de atemorizar” as mulheres vítimas são praticados sobretudo pelos marido/companheiro(a) (ou ex) ou namorado(a) (ou ex). Os autores são na quase totalidade homens. O mesmo acontece nas ameaças do tipo ”mato-te”, onde mais de metade dos actos praticados pelo marido/companheiro(a) (ou ex) ou namorado(a) (ou ex) e nas ameaças com “armas de fogo ou brancas”.

Nos actos que visam o controlo social das vítimas, mais de 70% dos casos são praticados pelo marido/companheiro(a) (ou ex) ou namorado(a) (ou ex). Na quase totalidade são homens.

Quando o acto consiste em fazer “comparações negativas com o objectivo de afectar a auto-estima”, os autores mais frequentes são o marido/namorado(a), surgindo também os pais com um valor considerável. Neste caso, ainda que a probabilidade dos autores serem homens seja ligeiramente mais elevada, o peso das mulheres está-lhe próximo. Admitimos a hipótese de que se trata de um tipo de violência que extravasa claramente

os limites da conjugalidade e do namoro. Atendendo à idade dos autores, esta é uma situação que tanto configura uma violência praticada de pais contra filhos, como dos mais novos em relação aos mais velhos.

No que se refere às agressões físicas como “torcer o braço, dar bofetadas, murros, pontapés, arranhões e beliscões”, a maioria dos actos é praticada pelo marido, companheiro(a) (ou ex) ou namorado(a) (ou ex), que são na quase totalidade homens.

Nas agressões físicas através do arremesso de objectos, mais de 2/3 dos actos é perpetrado por maridos, companheiros/namorados(as) (ex), que são na quase totalidade homens.

No caso dos “empurrões pelas escadas abaixo com o objectivo de magoar”, a quase totalidade dos autores é constituída pelo marido, companheiro(as) (ou ex), também homens.

Nas agressões por “sovas”, a grande maioria dos actos é praticada pelo marido, companheiro/namorado(a) (ex) (67,5%). Os autores são na quase totalidade homens (89%).

Ao contrário do que acontece com os actos de violência física e psicológica, anteriormente referidos, os que se referem à violência sexual são menos indicados pelas vítimas como tendo sido praticados pelo marido, companheiro/namorado(a) (ex). Tal verifica-se, tanto nos casos de assédio através de obscenidades e mensagens, como nas tentativas de contacto físico sem consentimento. Todavia, na quase totalidade dos casos, os autores são homens.

#### 4.1.5 Contexto da vitimação

##### *Local de ocorrência*

As agressões através de “gritos e ameaças com o objectivo de atemorizar” as mulheres vítimas ocorrem essencialmente no espaço da casa (60,5%).

É sintomático que no caso das ameaças com armas de fogo ou brancas, mais de metade dos casos ocorrem no espaço da casa das inquiridas, ou de familiares. Só 1/3 ocorre na rua.

No caso dos actos que visam o controlo social, em mais de 72,5% dos casos tal ocorre na casa da vítima. O mesmo se passa, quando o acto consiste em fazer “comparações negativas com o objectivo de afectar a auto-estima”.

No que se refere às agressões físicas como torcer o braço, bofetadas, murros, pontapés, arranhões e beliscões, a quase totalidades dos actos ocorrem em casa da vítima (98%).

Nas agressões físicas através do arremesso de objectos, a totalidade dos actos ocorre em casa.

No caso dos “empurrões pelas escadas abaixo com o objectivo de magoar”, a quase totalidade dos actos ocorre em casa.

Nas agressões por “sovas”, a grande maioria dos actos também ocorre em casa (79%).

Ao contrário do que acontece com os actos de violência física e psicológica, os que se referem à violência sexual são menos indicados pelas vítimas como tendo ocorrido no espaço da casa. Tal verifica-se, tanto nos casos de assédio através obscenidades, como nas “tentativas de contacto físico sem consentimento”. Só no assédio através de mensagens, o local da casa ganha relevância.

### *Reacção das vítimas*

A reacção mais frequente nas vítimas de agressões através de “gritos e ameaças” é “ir calando e não fazer nada”. Nota-se, no entanto, que numa parte significativa dos actos ocorridos, tanto nos últimos 12 meses como nos anos anteriores, as redes de amizade podem ter um papel importante (desabafar com outras pessoas), bem como o contacto com as forças policiais. Refira-se ainda que em cerca de 5,5% dos casos, as vítimas optam pelo divórcio.

Quanto mais graves são os actos, maior é a probabilidade de as vítimas irem à Polícia – exemplo da ameaça “mato-te”. Neste caso, cerca de 1/4 das vítimas nos últimos 12 meses recorreram às forças policiais.

Nota-se uma diferença considerável em relação aos actos ocorridos nos anos anteriores, onde só 5,2% participam à Polícia.

Quando a ameaça é feita através de armas de fogo ou brancas, uma em cada oito das vítimas recorre à Polícia.

No caso dos actos que visam o controlo social, a grande maioria das vítimas vai calando. As outras reacções mais frequentes são o “reagir violentamente” e “desabafar com amigo”; o que, nestes caso, mostra a importância das redes sociais fora do espaço familiar. Neste tipo de actos, só uma vítima recorreu à Polícia.

Nos actos relativos às “comparações negativas com o objectivo de afectar a auto-estima”, a grande maioria “vai calando”. Só uma minoria diz reagir violentamente.

No que se refere às agressões físicas através do arremesso de objectos, a maioria das reacções das vítimas são o “ir calando”. Só um caso recorreu à Polícia.

Encontramos reacções análogas à anterior nas vítimas de “empurrões pelas escadas abaixo com o objectivo de magoar”.

Nas agressões por “sovas”, apesar da reacção mais frequente das vítimas continuar a ser o “ir calando e não fazer nada” (50%), nota-se que cerca de 10% contacta estabelecimentos de saúde e que igual número de vítimas recorre à Polícia.

No que se refere às agressões físicas como “torcer o braço, dar bofetadas, murros, pontapés, arranhões e beliscões”, as reacções das vítimas são semelhantes às do acto anterior, com destaque para o contacto com as forças policiais e as idas aos estabelecimentos de saúde. Ao contrário do que acontece na generalidade dos actos referidos anteriormente, onde os divórcios e separações são residuais, agora assumem uma expressão equivalente às idas à Polícia.

Nos actos de violência sexual, a reacção continua a ser “ir calando”. No entanto, no caso das “tentativas de contacto físico”, há mais “reacções violentas das vítimas”, e só num caso foi feito o contacto com as forças policiais.

#### *Razões apontadas pelas vítimas para a violência.*

A causa mais apontada pelas vítimas para as agressões através de “gritos e ameaças” é o consumo de álcool, o ciúme e a diferença de valores (má formação moral do autor, desigualdade entre homens e mulheres). O sentimento de posse surge em seguida como mais uma causa da violência deste tipo de actos.

As vítimas das ameaças do tipo “mato-te”, ou com “armas de fogo, ou brancas” apontam como principal causa da agressão aspectos relacionados com o sentimento de

posse, ciúme, diferenças de valores e mentalidade, nomeadamente em relação à igualdade de género e o consumo de álcool. Refira-se que quando a ameaça é feita através de arma de fogo, ou branca, o segundo factor apontado é claramente o consumo de álcool e droga do autor. Os resultados relativamente a aspectos como a pobreza, doenças, nomeadamente do foro psicológico, são relativamente marginais entre as causas apontadas pelas vítimas.

No caso dos actos que visam o controlo social das vítimas, a grande maioria das causas apontadas é o ciúme, a posse e as diferenças de mentalidade. Só uma pequena parte refere o consumo de álcool e droga do autor.

Quando o acto consiste em fazer “comparações negativas com o objectivo de afectar a auto-estima”, apesar de ainda ser referido o “ciúme”, têm maior expressão o “sentimento de posse”, os valores e a mentalidade em relação às mulheres.

No que se refere às agressões físicas através do arremesso de objectos, a maioria das causas apontadas pelas vítimas são o ciúme e o consumo de álcool dos autores.

Nos “empurrões pelas escadas abaixo com o objectivo de magoar”, a maioria das causas apontadas pelas vítimas são o ciúme e o álcool.

Nas agressões por “sovas”, as causas mais apontadas pelas vítimas são o “consumo de álcool” e o “ciúme”; a posse e os valores em relação às mulheres surgem como a segunda causa. O mesmo se passa com as reacções aos actos de “torcer o braço, dar bofetadas, murros, pontapés, arranhões e beliscões”.

Nos actos de violência sexual, as principais causas apontadas pelas vítimas são a má “formação moral” e a “diferença de valores”.

## **4.2 Vitimação dos homens e análise comparativa com as mulheres**

### **4.2.1 Prevalências**

Se tivermos em consideração todos os actos, a prevalência da violência exercida contra os homens é de 49,7%. Considerando só os actos utilizados em estudos internacionais (violência física, psicológica e sexual), a prevalência dos homens vítimas é de 42,5%.



Tais actos reportam-se a 11,1% de vítimas nos últimos 12 meses, 41,6% em anos anteriores e 3,4% nos dois períodos.

Ainda que seja necessário uma análise mais cuidada sobre a natureza da violência exercida contra homens e mulheres, os valores observados neste estudo para Portugal são semelhantes aos obtidos em estudos internacionais, revelando que os homens, ao terem historicamente nas sociedades modernas uma actividade social intensa, estão por isso mesmo mais expostos a interações interpessoais e a uma conflitualidade social eventualmente portadoras de violência.

De facto, se começarmos por analisar os actos criminalizados sob a forma de *violência doméstica*, e utilizando os critérios da lei de 2007, que considera as dimensões física, psicológica e sexual, para o último ano, a prevalência dos homens vítimas é cerca de três vezes menor do que a das mulheres em iguais circunstâncias (2,3% contra 6,4%).

Mas se aprofundarmos a análise ao nível dos tipos de violência, a clivagem entre as prevalências nos homens e nas mulheres é ainda mais acentuada.

No que se refere aos actos de violência psicológica, a prevalência da vitimação dos homens é de 60,8% do total das vítimas. Na violência física, a prevalência dos homens vítimas é de 41,7%, e na sexual é de 6%. Os actos de discriminação social são referidos por 18,7%.

Comparando com a vitimação das mulheres, as prevalências obtidas para os homens por tipos de violência são maiores do que as das mulheres na violência física e psicológica: acentuadamente na primeira (41,7% contra 22,6%) e ligeiramente na segunda (60,8% contra 53,9%). No que concerne à violência sexual e à discriminação sociocultural, a prevalência de homens vítimas é menor do que a das mulheres: 6% contra 19,1%, na primeira, e 18,7% contra 52,5%, na segunda.

Todavia, se aprofundarmos a análise acto a acto, particularmente nos que são estatisticamente mais significativos, nos homens e nas mulheres, verifica-se o seguinte em relação à violência psicológica: nos “gritos e ameaças para atemorizar” e nas “ameaças em danificar a propriedade”, os valores são semelhantes entre homens e mulheres; nos actos de ameaça com armas de fogo ou brancas, os valores nos homens são superiores aos das mulheres (4,7% e 2,5%); nos actos “partir objectos para atemorizar”, a prevalência da vitimação dos homens é dez vezes menor do que a das

mulheres; nas “ameaças do tipo mato-te”, o valor nos homens também é menor (3,4% contra 4,4%); no “controlo da vida social”, a prevalência de vitimação nas mulheres é três vezes superior à dos homens; maior prevalência nas mulheres pode igualmente encontrar-se nos actos de “espionar”, “controlar os documentos”, “isolamento em relação a outras pessoas”, “comparações negativas com o objectivo de afectar a auto-estima”, “alvo de comentários negativos e ofensas, com o objectivo de humilhar”, e “pressionada a deixar o emprego/carreira para ficar em casa”.

No que se refere à violência física, a prevalência da vitimação dos homens é maior nos seguintes actos: “sovas”, “bofetadas/murros/pontapés/arranhões/beliscões/mordidelas”, “puxar os cabelos” e “socos no peito”. Os restantes actos de violência física têm maior prevalência entre as mulheres.

Na violência sexual e na discriminação sociocultural, em todos os actos a prevalência de vitimação das mulheres é superior à dos homens.

#### 4.2.2 Autoria dos actos de violência

No que se refere aos autores da violência, há uma diferença significativa quando se comparam as vítimas homens e mulheres.

De facto, as prevalências elevadas observadas anteriormente para a vitimação dos homens decorrem do facto de eles serem sobretudo vítimas de pessoas do mesmo sexo, outros homens. Pelo contrário, as mulheres não são maioritariamente vítimas de outras mulheres, mas sim de homens.

À semelhança do que se verificou em estudos internacionais, com abrangência nacional, como o da Irlanda, tais resultados mostram claramente que, também no caso português, a vitimação das mulheres tem uma configuração de desigualdade de género; enquanto que a dos homens decorre da vitimação geral; e, neste caso, a haver uma componente de género, é no sentido do reforço da masculinidade.

Os resultados seguintes provam-no de uma forma inequívoca.

Globalmente, quando se consideram todos os actos, os autores da violência praticada contra os homens são maioritariamente homens (77,9%); valor ainda mais elevado do

que o verificado nas mulheres. O mesmo se passa nos actos praticados nos últimos 12 meses (75%) e nos anos anteriores (78,6%).

Se nos centrarmos só nos tipos de violência utilizados habitualmente a nível internacional (física, psicológica e sexual), a predominância da autoria dos homens na violência contra homens continua a ser marcante (77,8%).

Quando passamos aos tipos de violência, as diferenças ainda são mais significativas: na discriminação sociocultural, os autores são sobretudo homens, com 84,7%; na violência psicológica, onde normalmente o senso comum e um certo discurso ideológico tende a atribuir às mulheres a autoria deste tipo de actos, os autores homens continuam a ser a grande maioria, com 78,19%; na violência física, a autoria dos homens atinge quase a totalidade das vítimas deste tipo de actos, com 95,8%; e na violência sexual, apesar da prevalência da vitimação ser muito baixa, o que dificulta os cálculos, é possível observar maior prevalência de autores mulheres. Refira-se, no entanto, os actos que prevalecem neste tipo de violência são os de assédio, e nas nossas sociedades, estes são normalmente percebidos pelos homens como um reforço da sua masculinidade e não como uma agressão.

#### 4.2.3 Relação de parentesco entre autores e vítimas

Quando se analisam os actos mais significativos na vitimação dos homens, e se compara com o que ocorre nas mulheres, verifica-se uma diferença significativa relativamente à relação de parentesco que existe entre vítimas e autores.

Agora, nos homens vítimas, os autores dos actos são sobretudo desconhecidos ou colegas, e raramente as pessoas com quem vivem, ou viveram, em situação de conjugalidade ou de namoro.

As únicas situações em que os autores fazem parte do universo familiar, dizem respeito aos homens vítimas de “pressões no sentidos de serem mais ambiciosos” e às agressões físicas através de “sovas”. Todavia, nestes casos, tais autores são sobretudo os pais. Mesmo nos actos relativos à dimensão sexual, onde poderiam ser expectáveis relações mais próximas, continuam a estar ausentes autores(as) cônjuges/companheiros(as)/namoradas(os), ou ex.

#### 4.2.4 Local de ocorrência

Também no que concerne ao local mais frequente de ocorrência dos actos de que os homens dizem ser vítimas, há uma diferença significativa em relação às mulheres. Nos homens, os locais mais frequentes são os “locais públicos”, a “rua” e o “local de trabalho”, e não a casa, como acontecia com as mulheres vítimas.

As únicas excepções, dizem respeito às “pressões no sentido de ser mais ambicioso” e às agressões físicas através de “sovas”, que ocorrem mais em casa, pelas razões já apontadas anteriormente.

#### 4.2.5 Reacção das vítimas

Continuando a analisar os actos mais frequentes na vitimação dos homens, a sua reacção à violência tem igualmente características diferentes das das mulheres. Nos homens, por ordem de prevalência, as reacções mais frequentes são o “reagir violentamente”, “não fazer nada” e “contactar com as forças policiais”.

Em primeiro lugar, é de assinalar o facto dos homens vítimas recorrem mais à Polícia e Tribunal do que as mulheres. Note-se que em alguns actos, como por exemplo nos “gritos e ameaças”, ou nas “ameaças com armas de fogo ou brancas”, a probabilidade dos homens recorrerem àqueles serviços é cinco vezes maior do que nas mulheres.

Em segundo lugar, as situações em que a reacção “não fazer nada” é mais elevada, corresponde sobretudo a situações de maior proximidade relacional com o agressor, como é o caso dos pais, ou outras relacionadas com actos de violência psicológica e sexual.

#### 4.2.6 Razões apontadas pelas vítimas para a violência.

As razões apontadas pelos homens para o facto de terem sido vítimas de violência, nos actos estatisticamente mais significativos, são em primeiro lugar, o consumo de álcool e os “mal-entendidos”. A “diferença de valores” e a “má formação moral”, também aparecerem, mas com valores menos significativos. Refira-se ainda que, ao contrário do que ocorre nas mulheres, nos homens, há poucas referências ao ciúme como causa dos actos.